

# O mistério de Azazel



Wellington Corporation

# O mistério de Azazel

Professores de escola bíblica: - uma maravilha da sabedoria divina mais ou menos escondida nas páginas do Velho Testamento

De certo trecho do Estudo de CANTARES 4.1

... Não é bem o assunto do verso, mas aproveito para esclarecer um mistério, já que estamos falando das cabras.

**7 Depois pegará os dois bodes e os apresentará ao Senhor, à entrada da Tenda do Encontro.**

**8 E lançará sortes quanto aos dois bodes: uma para o Senhor e a outra para Azazel.**

**9 Arão trará o bode cuja sorte caiu para o Senhor e o sacrificará como oferta pelo pecado.**

**10 Mas o bode sobre o qual caiu a sorte para Azazel será apresentado vivo ao Senhor para fazer propiciação e será enviado para Azazel no deserto.**

O mundo do Velho Testamento acontece de modo pleno no interior da África, é Nova Orleans nas áreas de Vodou, é o interior da Romênia, de várias ilhas do arquipélago japonês, é parte da Ásia, da Índia, está viva em vilas da Mongólia, da Rússia, do Paquistão. Acontece hoje em áreas nobres de Nova York, em rituais macabros em fazendas do Arkansas. Terreiros de Umbanda e Candomblé, nos ritos das bruxas escocesas, nas festas a deusa morte do México, nas procissões de sacrifícios do Peru. Cito as que me ocorrem de memória.

Vivemos num mundo mágico, um mundo que busca a magia, que exerce desde a antiguidade a prática de adoração a ídolos que são atos de magia, de busca de poderes, de forças sobrenaturais, que não significam verdadeira adoração a Deus. A maioria busca desses ídolos o mesmo que se busca em objetos mágicos. Um talismã. Trocam libações, ofertas, oferendas por recompensas.

Há em alguns o desejo de realizar o bem, de servir aos deuses com gratidão. Embora sirvam a deuses que não são deuses, Deus contempla o anseio destas pessoas de conhecerem e servirem ao Deus verdadeiro. E em algum momento, pelo seu tremendo amor, os afastará da mentira os conduzirá a Verdade.

Quando o tabernáculo está erguido e os rituais estão sendo realizados, o mundo da época é completamente mágico. A filosofia é uma sombra, não existe o materialismo ainda, ou uma ciência separada, todo evento físico é algo sobrenatural, tudo tem origem no divino, não há uma segunda ou terceira explicação para os eventos biológicos, físicos, climáticos. O mundo moderno caminhou no sentido contrário, destituiu Deus de seu cargo e concedeu a Razão a detentora de status divino, insurgindo-se contra a própria ideia de Deus, mas isso é um mal da humanidade, sua Soberba. A Soberba é uma praga. Mas sem levar em conta a ciência enferma, e sua loucura, pelo excesso de sua arrogância, não havia no mundo antigo nenhuma outra divisão. Tudo era essencialmente mágico.



E não concebiam CRER em DEUS sem atos, sem rituais, sem cenas, sem representações. Porque o ser humano não compreenderia as coisas invisíveis sem um tutorial, sem alguma representação visível. Essa é a escola do Velho Testamento.

Uma das representações mais enigmáticas, o mais misterioso ato litúrgico, ato sacerdotal é a cena dos dois bodes.

De tudo que se faz no tabernáculo, nada se equivale em mistério. Um enigma. O ato representa algo além da imaginação e mesmo após os escritos dos profetas e apóstolos do Novo Testamento ainda é difícil explicar a profundidade do que tal coisa representa. Porque só conhecemos PARCIALMENTE a história de nossa Salvação.

Essa é grande verdade. Jesus não nos esclareceu todos os detalhes sobre a salvação e nem o Espírito nos revelou.

Tem coisas que talvez seja melhor não sabermos.

Então vou até onde creio que é possível chegar, e a partir daí, retornamos sem respostas.

Um dos bodes será sacrificado, já compreendemos a representação do sacrifício. A Cruz.

O outro bode não morrerá. Será enviado ao deserto para alguém que faz oposição ao Senhor cujo nome é Azazel. E o será enviado por meio de SORTES. Será sorteado aleatoriamente quem vai e quem fica. O “destino” se encarregaria de “decidir” aquilo que a vontade de Deus deixou, por assim dizer “indefinido”.

Azazel não tem significado unânime nem em hebraico. E não termina com EL, como as palavras que se relacionam a Deus em hebraico. Só o som é que é parecido (אזאזל).

Os dois bodes são considerados uma única obrigação, um único evento, um único ritual. São representantes de uma única realidade espiritual.

A morte do calvário é muito mais complicada que imaginamos. A missão de Cristo envolvia não somente o nosso universo e não somente a nossa dimensão.

«no qual também foi [Jesus] pregar aos espíritos em prisão, os quais noutra tempo foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé...» (I Pedro 3:19-20)

«Pois por isto foi o Evangelho pregado até aos mortos...» (I Pedro 4:6)

Atos 2:27 e Atos 2:31, que declaram explicitamente que Cristo não seria deixado no Hades, e que a sua carne não veria a corrupção.

Efésios 4:8-10 também diz: "Por isso diz: Quando ele subiu ao alto, levou cativo o cativo, deu dons aos homens. (Ora que quer dizer isto: Ele subiu, senão que também desceu aos lugares mais baixos da terra? Aquele que desceu é também o que subiu muito acima de todos os céus, para encher todas as coisas.)"

Este versículo é uma paráfrase de Salmos 68:18:

"Subiste ao alto, levaste cativos os prisioneiros; Recebeste dons dos homens, Mesmo dos rebeldes, para Deus Jeová habitar entre eles."

E finalmente

Apoc 1:17 Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: "Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. 18 Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas, agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades.

A vitória sobre o poder das trevas tinha duas partes. Uma era o sacrifício do Calvário. Cabrito sendo sacrificado. A segunda, bem mais sinistra, envolvia um CONFRONTO dentro da região da morte, dentro de lugares e regiões espirituais por nós desconhecidas, onde eventos proféticos também não revelados, ocorrerão. Num mundo que não conhecemos, numa dimensão que abrigava ou ainda abriga aos mortos, imaginada com separações, com regiões de vários nomes no grego e no hebraico, Jesus realizou coisas que não estão descritas nas Escrituras. Coisas das quais só sabemos os resultados. Pregou o Evangelho aos mortos. Não sabemos se a todos ou se somente para os que morreram no Dilúvio. Não sabemos qual o grau de consciência, de suas almas ou de seus espíritos. A realidade que se descortina é a de consciência após a morte, que já tinha sido referenciada na parábola de Lázaro. Mas só que em Lucas era somente uma parábola, aqui é um evento profético e não uma parábola.





Algumas denominações se abrigam em visões doutrinárias específicas sobre a morte para não comentar ou meditar em tais versos. Há uma doutrina sobre o “sono da morte” em que os mortos não estariam conscientes. Há a visão do “desaparecimento” do espírito/alma humana e que ele só seria “recomposto” durante a segunda vinda de Cristo.

Mas não é isto que os textos nos conduzem a entender.

Não temos respostas absolutas porque Deus encobriu para nós seres humanos parte dessas realidades. Seu amor, sua graça e sua misericórdia são maiores e mais profundas que o abismo sobre o qual vivemos.

E em seu maravilhoso amor ele simplesmente foi até o pior lugar do universo, para o mais distante deserto. Ai a beleza do segundo bode.

VIVO.

Ele desceu lá como se fosse um morto. Só que a morte não tinha direitos sobre ele. Ele SUBVERTEU o sistema. Ele deu um “loop” na programação, ele destruiu a morte de dentro dela mesma, ele afrontou a dimensão das trevas, ele entrou voluntariamente na prisão e em vez de ficar encarcerado ou preso, explodiu as suas portas e detonou o império das trevas. Lá no hades, ou região da morte, Jesus simplesmente fez o que já tinha feito lá sobre o cume do Hermon. Transfigurou-se. Lá ele cumpre o mistério do profeta que morreu no interior do grande peixe. Jesus é o único ser humano que morto intercedeu a Deus e Deus o escutou de dentro da morte. Porque ainda que fisicamente morto, Jesus estava numa condição única, estava ESPIRITUALMENTE VIVO. Jesus era um semimorto, um vivo entre os mortos, “fingindo de morto” por assim dizer.

Prenderam o cara errado. Ele não é uma alma sujeita às leis da vida e da morte, aos mistérios do universo ou a algum tipo de administração da morte exercida pelo tal do Azazel. Azazel significa: Condenação, Desolação. Tanto faz se era um espírito da alta administração do inferno, uma potestade ou se outro nome para Satanás. Não devia ter recebido aquele bode.

Essa é a representação simples por detrás do segundo bode. O bode que por sua vez simbolizava a IMORTALIDADE. Jamais seria capturado novamente. Jamais seria oferecido pela segunda vez como sacrifício. Os cabritinhos tinham que ser gêmeos, ou idênticos. Mesmo que fosse achado, no próximo ano, já não se enquadraria nas condições.

É a voz do texto de apocalipse:

Apo 1:17: Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: “Não tenha medo. Eu sou o Primeiro e o Último. 18 Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas, agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades.

Estive morto?

O bode vivo nunca morreu...

... Na verdade ... por um instante...

...esteve morto, sim!

Outra beleza ESCONDIDA NAS representações das Escrituras



Do instante em que os dois bodes são separados e até que sobre eles sejam lançadas as sortes, os dois bodes estão sob a condenação da morte. Qualquer um deles, e a sorte o decidirá, será sacrificado, porém, até que ocorra o sorteio, é como se ambos estivessem sentenciados à morte. Até o instante em que os ossos, moedas, pedras, seja lá o que for, sejam lançadas pelo sacerdote, até caírem no manto, chão, ou na mão, até este instante trágico, desgraçado, os dois estão mortos. Ou condenados a morrem, ou sentenciados à morte.



É a importantíssima figura que falta para completar a perfeição da profecia citada em Apocalipse.

Uma vez no caminho do calvário, o condenado já é considerado morto. Ou condenado à morte. Uma vez crucificado, pode ser considerado um futuro morto. Quando os soldados romanos lançam as sortes sobre as vestes de Jesus, este já se encontra crucificado, e o drama se encaminha para seu fim.

Essa meditação sobre o bode Azazel é parte de um estudo de Cantares 4.1 A Sunamita celestial de Cantares carrega em seus cabelos revoltos, que lembram cabras negras se movendo sobre os montes, quando caem sobre os seus ombros, todas essas figuras, antevistas pelo Espírito de Deus.

E Salomão vê os olhos escondidos pelas mechas de cabelo que cobriam seu rosto enquanto girava dançando.

Assim como Cristo que vê o coração de sua Igreja por detrás deste UNIVERSO de realidades espirituais.

de ANALISE DE CANTARES verso - 4.1 -  
<https://drive.google.com/file/d/0By1iKlamoOu6eGtiZnFldnIPZHM/view>



Nóis di novo.

Wellington Corporation